

A ESPERANÇA GERADORA DE VIDA: introdução à novela de Rute

José Aguiar Nobre*,

* Mestrando em Educação, PUCCAMP.

Resumo:

José Nobre tendo em mente a apresentação do contexto do livro Rute, inicia com a apresentação do contexto do Império Persa e o *retorno de judeus da Babilônia* e as atividades de organização e de formação do povo empreendidas por Neemias e Esdras. Depois de apresentar alguns livros *paralelos*, apresenta o Livro de Rute com a discussão da datação, dos temas desenvolvidos, a questão da autoria e estrutura do texto. Ao mesmo tempo, são apresentados os temas conflitivos das propostas religiosas de exclusão ou de acolhida questionando o lugar dado ao pobre e ao estrangeiro.

Palavras-chave:

Rute; Antigo Testamento: Livro de Rute.

Abstract:

José Nobre starts his essay with a summary of the Ruth's book historical context: Persian Empire, *the jews return from Babilon*, and the people organization and formation on the way under Nehemiah and Ezra. Some parallel books are presented and related to the same Ruth's subject. The book itself receive a kind of synthesis: main topics, author and structural traits of the book. Alongside with this, the leitmotiv of the book is presented: religious and social conflicts and the place of the poor and the foreigner in the People of Israel realm.

Key words:

Ruth; Old Testament: Roth's Book.

Introdução

Sabe-se que para uma melhor compreensão do Livro de Rute, é imprescindível conhecermos o contexto histórico ou a grande conjuntura que envolve o período de dominação persa¹ (538–333 a.C.) e os seus diferen-

¹ Em sentido estrito, a Pérsia é a região ao sul de Elam e a oeste do Golfo Pérsico. Em sentido largo, é o Irã ou o Império Persa. Começou com Ciro em 538 ao derrotar a Babilônia e a decadência começou com os seus suseranos até que Alexandre I em 331 liquidou o império. Cf. A. VICENT, *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 398.

tes projetos de Reconstrução Nacional. E, falar do projeto político-econômico dos persas é referir-se àqueles judeus que estão voltando da Babilônia sob a liderança de Esdras e Neemias.

Como é um contexto bastante complexo que extravasa o objetivo de nossa pesquisa, pois detalhar o domínio persa requer um trabalho monográfico, então, *como gato passeando sobre brasas incandescentes*, vamos sintetizar cronológica e brevemente esse período.

Em outubro de 539 a.C., o exército de Ciro entra na Babilônia. Ciro devolve às cidades os ídolos levados para Babilônia, com o seu Edito promulgado em 538 a.C. Nesse processo de reconstrução vejamos um retrato dos exilados recém chegados em Jerusalém, conforme John Bright:

*Os recém-chegados enfrentaram anos de dificuldades, provações e insegurança. Eles tinham que começar de novo, numa terra estranha o que, em si mesmo, já era uma tarefa de grande dificuldade. Eles eram atormentados pela inclemência das estações e sofriam perdas parciais de colheitas (Ag 1,9-11; 2,15-17), o que deixaram muitos na miséria, sem roupa nem comida (c. 16). Seus vizinhos, especialmente a aristocracia de Samaria, que considerava Judá como parte de seu território e ressentia-se com qualquer limitação de suas prerrogativas lá, lhes eram abertamente hostis.*²

² Cf. J. BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 495.

Essa citação com certeza nos desenha o clima da reconstrução ou do difícil espírito do período de dominação persa desde os seus inícios. Claro que popularmente uma das faces caracteristicamente marqueteiras da ação dos persas na Judéia e Samaria está na imagem de um povo *tolerante* com a cultura e as práticas religiosas dos povos dominados. Mas sabemos que essa imagem acaba escondendo as ações violentas e opressoras do império.

Quando Ciro perdeu a vida numa batalha com povos nômades além do rio Jaxartes, sucedeu-lhe o seu filho mais velho Cambises (530-522 a.C.). Este, em 525 a.C. conquista o Egito que permanecerá sob o império persa até o ano 400 (27^a dinastia). Sucedendo a Cambises vem Dario I (521-486 a.C.) que organiza o império persa e trabalha na reconstrução do segundo Templo: a Síria e Palestina formam a 5^a satrapia e o Egito a 6^a. Neste período Ageu e Zacarias tentam despertar uma esperança messiânica e censura a lassidão e indiferença religiosa.³ Eles viam nas rebeliões sinais iminen-

³ Cf. J. PIXLEY, A *História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1991, pp. 94 e 100.

tes da intervenção de Javé. Ageu e Zacarias foram os últimos profetas apresentados com seus próprios nomes como enviados de Javé, nos tempos de construção do segundo templo. Estes ao invés de serem defensores dos interesses populares, dedicaram-se a urgir do povo respaldo ao projeto de construção do templo. Ao longo do período de hegemonia persa os verdadeiros sucessores dos profetas viveram no anonimato.⁴

⁴ Idem, pp. 100-101.

Foi então enviado a Jerusalém o sátrapa trans-eufrates Abar-nahara (da Síria e Palestina) para averiguar o que ocorria em relação a esse entusiasmo messiânico. Sátrapa é um vice-rei que, no império Persa, reinava sobre várias Províncias, que tinham, cada um, o seu governador (Ed 8,36).⁵ Em 515 a.C., a obra do Templo foi concluída (Esd 6,13). O Templo construído sob o patrocínio da coroa persa, incluía sacrifícios e orações para o rei no seu culto (Esd 6,10). Diante da construção do segundo Templo está também a figura do alto comissário e príncipe da casa de Davi, Zorobabel do qual não se tem notícias de seu fim nem tampouco das suas ações na liderança dos judaítas. Judá certamente ficou uma comunidade teocrática até a época de Neemias (445-443 a.C.). Dario deu sinais de ser muito capaz assim como Ciro. Prova disso é que:

⁵ Cf. W. KASCHL – ZIMMER, R.. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 143.

*Campanhas de longo alcance levaram seus exércitos até o Indo, para o oeste ao longo da costa africana até Bengazi, através do Bósforo, e para o norte, contra as cidades do sul da Rússia. Antes do fim do século VI, o seu império ia do vale do Indo até o Egeu, do Jaxartes até a Líbia e, na Europa, incluía a Trácia e uma faixa dos Balcãs, ao longo do Mar Negro ao norte até o Danúbio.*⁶

⁶ Cf. J. BRIGHT, *História de Israel*, op. cit., p. 507.

Além disso, Dario deu a este vasto domínio sua organização definitiva, dividindo o império em vinte satrapias, cada uma das quais com um sátrapa, geralmente com um nobre persa ou medo, nomeado pela coroa. Os sátrapas eram fiscalizados severamente por comandantes militares diretamente responsáveis perante o rei, por uma complexa burocracia e um sistema de inspetores itinerantes que, igualmente, prestavam contas ao rei.

Aqui temos o rosto burocrático do império persa e, com Dario percebemos que o império alcançou o seu auge. Seu filho Xerxes (468-465) o sucedeu, porém, como era muito incapaz, foi assassinado e sucedeu-lhe o filho mais jovem Artaxerxes I Longimanus. Este sofreu revoltas no Egito e na Síria que colocou a Pérsia numa situação de humilhação.

Sendo assim, o futuro da comunidade de Judá continuava incerto e desalentador. Enquanto isto, alguns judeus na Babilônia estavam se tornando muito prósperos, outros como Neemias conquistavam altas posições na corte. Apesar de a comunidade judaica ter alcançado o seu lugar de reunião com a construção do Templo, sabia-se que havia uma grande frustração no tocante à situação espiritual em Israel: o sábado era desrespeitado e dedicado ao trabalho (Ne 13,15-22); a falta de pagamento do dízimo (Ml 3,7-10) forçou os levitas a abandonarem seus deveres para trabalhar e ganhar seu sustento (Ne 13,10ss). Tendo hipotecado seus campos por ocasião das secas ou para levantar tributos, os pobres encontravam-se antecipadamente presos e, juntamente com seus filhos, reduzidos à escravidão (Ne 5,1-5).

E, o que é muito mais grave, as linhas que separavam os judeus do ambiente pagão em que se encontravam estavam começando a se enfraquecer e a quebrar-se. Os casamentos mistos entre gentios e judeus eram naturalmente comuns (Ml 2,11ss) e, à medida que os filhos de tais uniões tornavam-se mais numerosos, aumentava ainda mais a já séria ameaça à integridade da comunidade (Ne 13,23-27).⁷

⁷ Idem, p. 514.

Ou seja, havia, por parte da elite imperialista judaico-persa, a perspectiva de que se a comunidade não pudesse reunir para *recuperar a sua moral* e encontrar a sua direção, cedo ou tarde iria perder o seu caráter distintivo, isto se não se desintegrasse totalmente. Medidas drásticas teriam que ser tomadas porque a comunidade não poderia continuar naquela situação ambígua e tampouco podia recriar a ordem do passado. Era necessário, neste momento, encontrar um caminho novo⁸ para que Israel sobrevivesse como entidade criativa.

É nesse pano de fundo que a novela⁹ de Rute vai se inserir. Como herdeira dessa mentalidade, a sociedade enfrentará a novidade, por exemplo, do casamento dos filhos de Noemi com as estrangeiras moabitas (Rt 1,4) e mais adiante o cumprimento da lei do resgate com o casamento de Rute com Boaz (Rt 4,10.13). Citamos isto para não perdermos de vista o sentido de estarmos resgatando ou delineando este contexto do período de dominação persa que constitui o palco no qual Rute vai trilhar a sua vida e conseguir o resgate da terra para sua sogra Noemi e, conseqüentemente, para o seu povo.

⁸ Cf. J. PIXLEY, *A História de Israel a partir dos pobres*, op. cit., p. 97.

⁹ Cf. C. MESTERS, *Rute*. Uma história da Bíblia. São Paulo: Paulus, 1991, p. 15. O gênero do Livro é novela e é assim que o veremos.

1. REORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES JUDAICAS SOB ESDRAS E NEEMIAS

Providencialmente para *solucionar* tal situação, na corte de Artaxexes I, o judeu Neemias que tinha galgado um alto posto e, como copeiro do rei, tinha acesso à sua pessoa, foi-lhe concedido um escrito autorizando a construção das muralhas da cidade [de Jerusalém]. Embora fosse quase certamente eunuco como exigia sua profissão, Neemias era enérgico e capaz. Foi à Babilônia e reuniu judeus para acompanhá-lo e ajudar na administração da cidade. Neemias (445-443 a.C.) encontra oposição dos samaritanos na construção das muralhas (Esd 4,6-7). Ele tinha inimigos por todos os lados. O maior deles era o governador da província de Samaria, Sanabalat, também Tobias, Gasem e outros, que, recorriam a toda a sorte de artimanhas para impedir os planos de Neemias, que reagiu com vigor, dividindo seus homens em dois grupos: enquanto uns combatiam, outros trabalhavam.

*A província via-se a braços com sérias dificuldades econômicas, não só devido aos pesados tributos como também em virtude da inclemência do tempo (c. 5,1-5.15). Pessoas gananciosas se aproveitavam da oportunidade para endividar os pobres e dispor deles. Irritado com tais abusos, Neemias reagiu com resolução característica (...), e em seguida obrigou-os a prometer que não mais praticariam a usura e restituíram o que tinham roubado.*¹⁰

Neemias, do ponto de vista do império, foi um governador justo e capaz. Como bom judeu, considerava-se em guerra com aqueles que eram negligentes em suas observâncias religiosas e que tinham feito casamentos mistos com os povos vizinhos. Ele estava decidido a fazer uma completa reforma religiosa. Tomou sérias providências contra a indiferença religiosa reinante. Fomentou iniciativas para que o dízimo fosse recolhido e nomeou tesoureiros honestos para administrá-lo, proveu o altar com a lenha; combateu o comércio do sábado, fechando as portas da cidade durante todo o dia. A missão de Neemias consistia em *reconstruir os muros de Jerusalém, povoar a cidade e tomar as medidas civis necessárias para consolidar a região*.¹¹

Interessante ressaltar que quando descobria uma criança de casamentos mistos, que não sabia nem falar hebraico enfurecia-se, reprendia e amaldiçoava os pais puxando-lhes

¹⁰ Cf. J. BRIGHT, *História de Israel*, op. cit., p.521.

¹¹ Cf. J. PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*, op. cit., p. 97.

a barba e obrigava-os a jurar que haviam de desistir de casamentos mistos com estrangeiras no futuro (Ne 13, 23-27).

Talvez fora neste período que Esdras chegou e, ele [Neemias] apoiou a reforma de Esdras colocando seu selo de aprovação sobre suas obras (cc. 8,9; 10,1). Neemias, sem sombra de dúvidas salvara a comunidade num sentido físico, dando-lhe uma situação política reconhecida, segurança e uma administração honesta. Mas não havia, apesar de seus esforços, reformado radicalmente a vida interior da comunidade. E isto era de urgente necessidade. Foi quando apareceu em cena o *escriba* Esdras.

A tarefa de Esdras e sua comissão que chegou a Judá por volta de 428 a.C., dizia respeito apenas à questão religiosa.¹² Esdras chegou armado com um exemplar da Lei e tinha a missão de ensiná-la e organizar um sistema administrativo para que a Lei fosse obedecida. Sua autoridade não restringia a Judá somente, mas a todos os judeus que viviam na satrapia de Abar-nahara (a maior parte da Palestina). Não que ele iria impondo sua prática a todo o povo de Israel, contra a filosofia de liberdade religiosa persa, mas a todos aqueles que aderiam à comunidade de culto de Jerusalém. Isto é, todos que se considerassem judeus teriam que ordenar a sua vida segundo a Lei de Esdras e a Lei por ele imposta tinha como princípio a equiparação da lei de Deus com a Lei do rei, ou seja, a Lei de Deus era a lei do rei e a lei do rei era a Lei de Deus: todo o que não observar a Lei de teu Deus – que é a Lei do rei – será castigado rigorosamente: com a morte ou o desterro, com multa ou prisão (Esd 7, 26).

O *status* concedido a Esdras era de doutor da lei do Deus do céu (7,12). Ele certamente representava a posição dos judeus que haviam ficado na Babilônia e que ficaram impressionados com a indiferença religiosa de Judá e desejavam pôr um termo à situação. Como o domínio persa era tolerante ao culto nativo, o interesse do rei Artaxerxes em disciplinar a religião era porque ele queria impedir que esta se tornasse uma máscara para encobrir rebeliões internas. Sendo assim, era interesse dos persas que tais cultos fossem regularizados por uma autoridade responsável.

Sabe-se que Esdras apresentou e promulgou a lei o mais cedo possível, provavelmente na Festa dos Tabernáculos. Durante a cerimônia, *o povo ficou tão comovido que desatou a chorar. (...) Apesar do entusiasmo inicial, porém, o trabalho de reforma de Esdras não foi realizado com facilidade. Continuaram os abusos que tanto tinham chocado Neemias, particular-*

¹² Cf. J. BRIGHT, J. *História de Israel*, op. cit., p. 524.

mente os casamentos mistos.¹³ Antes de tomar medidas drásticas, mesmo estando também chocado, Esdras ainda escolheu o processo de persuasão moral. Demonstrando muita emoção e autoridade, ele conseguiu que o povo, com dor de consciência, reconhecesse os seus pecados e a violação da lei (Esd 10,1-5), seguindo voluntariamente uma aliança para que se separassem de suas mulheres estrangeiras e jurando apoiar Esdras em qualquer movimento que ele sugerisse.¹⁴ Apesar do pouco tempo para a investigação, dentro de três meses, uma comissão organizada por Esdras conseguiu que todos os casamentos mistos fossem dissolvidos (Esd 10,44). Tendo sido resolvida a questão dos casamentos mistos, o povo reuniu-se para a confissão solene de seus pecados. Supõe-se que Neemias e Esdras tinham uma grande convergência nos seus trabalhos, pois o que Neemias atacava, Esdras corrigia. A lei de Esdras fornecia as bases da reforma de Neemias. Sendo assim, Esdras foi de capital importância. Ele era comparado - não sem exagero - a Moisés. Se Moisés foi o fundador de Israel, foi Esdras quem reconstituiu Israel e deu à sua religião uma forma pela qual ele pôde sobreviver através dos séculos.¹⁵ Do ponto de vista do império, Israel não poderia retroceder ao sistema de clã. Se a lei não fosse seguida, Israel, que não era uma nação poderia diluir-se no mundo pagão ou desintegraria num nacionalismo banal.

De qualquer forma a lei trazida por Esdras foi aceita¹⁶ pelo povo num compromisso solene diante de Javé, tornando-se assim a Constituição da comunidade. E, como ela também era imposta, com a sanção do governo persa, os judeus ficavam numa situação que lhes permitia, embora sem identidade nacional, existir com uma identidade definível. Politicamente sujeitos à Pérsia, eles formavam uma comunidade reconhecida e autorizada a tratar dos seus assuntos internos de acordo com a lei do seu Deus. O caráter distintivo dos judeus não seria uma nacionalidade, mas a observância da lei. Entretanto, a narração do Livro de Rute está relacionada ao processo histórico vivenciado pelas mulheres de Judá.

Ela deixa transparecer uma reflexão sobre acontecimentos importantes do pós-exílio, quando Esdras culpabilizou as mulheres estrangeiras pela extrema situação de pobreza na qual se encontrava o povo (Esd 10,44; Ne 10,31;13,26). O livro de Rute mostra que houve uma reação a estas e outras posturas discriminadoras. Reação que se expressa com muita beleza, apresentando críticas, e também sugestões de passos concretos para a superação dos problemas. Esta história

¹³ Cf. J. BRIGHT, J. *História de Israel*, op. cit., p. 526; J. PIXLEY, *A História de Israel a partir dos pobres*, op. cit., p. 97.

¹⁴ Cf. J. BRIGHT, *História de Israel*, op. cit., p.527.

¹⁵ Idem, p, 529.

¹⁶ Cf. Esdras 7,26, nessas condições de amedrontamento, ai de quem não aceitar. A aceitação nesse caso é para não ser castigado e não por convicção racional ou convenção social.

*mostra que houve no pós-exílio um espaço subterrâneo para as reflexões que partiam da vida e das experiências das mulheres.*¹⁷

¹⁷ Cf. M. LOPES, O livro de Rute. Em RIBLA, (1997), 26, p. 99.

¹⁸ Idem, p. 92.

¹⁹ Idem, p. 97.

²⁰ Idem. Aliança pela vida: uma leitura de Rute a partir das culturas. In. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, p. 112.

Nota-se aqui que havia uma ambigüidade entre o ambiente social onde atuam Noemi e Rute, *um ambiente marcadamente patriarcal, e a atuação independente e sábia das mulheres, totalmente reconhecida neste mesmo ambiente.*¹⁸ E o enfoque de sua atuação é a crítica sobre a situação do povo: falta de pão, de terra, de um filho que possa dar continuidade à família e garantir o futuro. Ao serem culpabilizadas, as mulheres estrangeiras dão o troco, mostrando as contradições do sistema de dominação persa: *está faltando pão na casa do pão (bet lebem). Ao afirmar que não havia pão na casa do pão, já se está indicando que há algo errado. Para escapar da fome, a saída da pequena família é partir para Moab, que na época dos juízes chegou a ser um inimigo de Israel (Jz 3,12-30).*¹⁹ Ora, com essa reflexão através do resgate da memória, o livro alcança grande destaque. Eles questionavam quais eram as causas dessa fome? *Fazia uns cem anos que o povo tinha voltado do cativo na Babilônia. Os projetos de reconstrução falharam (Cf. Ne 5,15; 13,10-21), porque não levaram em conta a vida concreta do povo, mas respondiam às idéias que os dirigentes tinham (Esd 5,1-2;9,1-2;101,2.10).*²⁰ Desse modo, à maneira de uma história simples, ingênua e popular, o livro de Rute apresenta uma saída corajosa para superar a crise do povo israelita, sumindo no túnel do pós-exílio.

Essa mentalidade que antes gerou uma concepção nacionalista com uma forte inclinação para um particularismo escatológico ruiu com a reflexão trazida pelas mulheres. É aqui que veremos que o exclusivismo judaico da época persa é contrariado/combatido por uma tendência universalista, refletida também nos livros de Jonas, Jó, Cantares e Rute.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DE RUTE EM CONSONÂNCIA COM JONAS, JÓ E CANTARES

Raça, identidade, templo, terra e lei, são alguns dos temas que estavam na pauta da discussão e críticas nestes livros supracitados. Ambos nasceram sob um mesmo pano de fundo. Mais do que um profeta, Jonas representa uma ficção didática, cujo objetivo é edificar e ensinar. A missão de Jonas a Nínive rompe o particularismo da salvação *reservada* a Israel. Ainda mais: a conversão da população da capital

(3,5ss) contrapõe-se à dureza espiritual de muitos judeus. O nacionalismo exclusivista é bem refletido na mesquinhez do *justo* Jonas. Todavia os caminhos de Deus querem salvar os inimigos, os pagãos de Nínive, capital da Assíria, modelo de crueldade e opressão contra o povo de Israel. Deus não quer que suas criaturas se percam e para Ele ninguém está irremediavelmente perdido (Ez 18,23.32; Lc 15).

Ezequiel fala ao grupo dos exilados que está na Babilônia. Porque foram exilados? A idéia de moral grupal dizia que uma geração acaba pagando pelos erros de gerações anteriores. Nesse modo de pensar os exilados estariam fatalmente pagando pelo acúmulo de erros dos antepassados. O profeta, porém, vai contra essa concepção, ponderando que mesmo que uma geração sofra conseqüências de atos da geração anterior, cada um é responsável por sua conduta e deve tomar posição e mudar o rumo dos acontecimentos.²¹

Realidade semelhante ao Livro de Rute encontramos no Livro de Jó que, como Jó o povo de Judá, especialmente a família de Noemi (Rt 1,1) tinha perdido tudo: família, propriedades, instituições, a própria liberdade e até aí tudo era sustentado por uma concepção teológica na qual Deus era visto através do dogma da retribuição: Deus retribui o bem com o bem e o mal com o mal. Diante dessa concepção o livro de Jó vem como crítica de toda a teologia que se pretende definitiva e universal. Que sendo somente teórica torna-se um obstáculo para a própria experiência de Deus. Jó fundamenta sua tese através da própria experiência de Deus na pobreza e marginalização. Experiência que ultrapassa todas as explicações.

Outro livro que tem uma proposta interessante e que pode traduzir a sublimidade do amor humano vivenciado por Rute para com sua sogra Noemi e também entre ela e Boaz é Cantares. Pois trata do amor humano como espelho, sacramento e manifestação do próprio Deus, que se torna presente na pessoa dos seres humanos que se amam. Ele manifesta assim o seu amor e eterniza a maior experiência que os humanos podem ter de si mesmos. Assim, o cântico traz o exemplo de solidariedade de Rute e Boaz e traduz o essencial amor de Deus pela humanidade, externalizado pelo amor humano em oposição ao absolutismo legalista e excludente que perpassa o espírito da lei de Esdras e Neemias.

3. O LIVRO DE RUTE

O livro de Rute, por seu lado, ao mesmo tempo em que desfaz o mito da raça, cujo risco, em nome de uma autode-

²¹ Cf. BÍBLIA EDIÇÃO PASTORAL. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 1104-1105.

²² Cf. J. BRIGHT, *História de Israel*, op. cit., p. 228.

²³ Cf. J. A. FISCHER, Rute. In: *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999, vol. 2, pp. 261-262.

²⁴ Um homem de Bet-Lehem de Judá emigrou para os campos de Moab, ele, sua mulher e seus dois filhos. Cf. Rt 1,1b. *Campos de Moab, um lugar bonito, do outro lado do Mar Morto para quem vinha de Belém. Bonito só o tanto que pode ser bonita uma terra que não é a sua terra natal. A saudade dos parentes, do cantinho, bate em quem vai para longe*. Cf. C. ALENCAR, *A terra de Rute: o alimento da humanidade*. São Paulo: Salesiana, 2004, p. 30.

²⁵ Cf. M. LOPES, O livro de Rute, op. cit., p. 99.

fesa, inspirava um particularismo soterológico, legado apenas a Israel, exalta o universalismo salvífico de Deus entendido mesquinamente pela teologia do Esdras e Neemias. Rute vem alertar que um Israel fechado em si mesmo não poderia ser vínculo de bênção para outros povos, se o próprio *Davi, o grande rei de Israel, trazia em suas veias sangue moabita*.²² Era já um símbolo da solidariedade física, na bênção que Israel devia transmitir. E a solidariedade deve, portanto, ir de dentro para fora. Rute, a moabita, é judaizada e adota o culto dos antepassados belemitas e daviditas (1,16; 2,12). O livro de Rute nos leva a entender que não necessariamente tendências [nacionalista e universalista] devem se excluir. Enquanto uma permite a conservação e amadurecimento dos valores próprios, a outra salva o verdadeiro destino de Israel de ser o veículo de uma mensagem de salvação universal (Rt 4,17).

Sendo assim, podemos dizer que o Livro de Rute é uma boa história e é assim que deve ser lido. É considerado um dos melhores contos ou narrativa independente que nos foram transmitidos da antiguidade.²³ Em quatro capítulos concisos, o autor criou personagens inesquecíveis e um enredo envolvente. É uma novela que narra a história de uma família da tribo de Efraim, de Belém (*Bet-Lehem*) e que emigrou para a terra de Moab.²⁴

As personagens que, inicialmente compõem a narrativa são: o homem *Elimélek* que quer dizer [Eli = meu Deus] e [melek = rei], ou seja, meu Deus é rei; uma jovem mulher judia, chamada, primeiramente de *Noemi*, que quer dizer cheia de graça, graciosa, e no decorrer da novela vai pedir que seja chamada de Mara, significando a sua situação atual: cheia de amargura; os dois filhos *Mahlon* que quer dizer *doença* e *Kilion* que quer dizer *fragilidade*; as duas noras moabitas, mulheres de seus filhos, uma com o nome de *Orpá*, que quer dizer de costas e Rute, que quer dizer *amiga, companheira*.

A figura do menino Obed que vai nascer no final da história, enquanto servo é nada mais que a imagem do resgate do Elimélek (meu Deus é rei). E a volta é continuação do Elimélek. Isso reflete a época de 450 a.C., é a montagem da reconstrução do povo, do país a partir do resgate da terra. Ao percorrer toda a novela, nota-se que a situação inicial é de desestruturação e no final, de reconstrução. Sonho de devolver a vida a Noemi. *Rute a moabita é acolhida e reconhecida pelo coro do povo e dos anciãos* (4,14). *Eles pedem a Iahweh que Rute seja igual a Raquel e Lia que formam a casa de Israel. O pedido deixa entrever o sonho do tribalismo e a nova esperança que está surgindo*.²⁵

E, quando se fala em tribalismo é o igualitário, não num sentido de gueto ou de fechamento. *O tribalismo igualitário, vagamente confederado, de Israel era simbolizado e institucionalizado no nível mais amplo por meio de uma vassalagem culto-ideológico comum ao monojavismo.*²⁶ Quando considerado um modelo funcional, ou seja, quando o javismo é visto em termos de atividade socialmente exprimível e produtora de efeito, torna-se evidente que o javismo era mais do que um único subsistema específico do antigo Israel. É resgatando a memória do contexto das confederações tribais, que as duas mulheres *encontraram a solidariedade de seus companheiros e amigos, de filhos, genros e irmãos. Somente uma grande solidariedade no sentir e no pensar poderia gerar uma visão tão bonita e esperançosa. Visão messiânica! Proposta de abertura e inclusão! Esperança de um messias nascido de uma mulher estrangeira!*²⁷ Quem escreve conhece a tradição e sabe apontar perspectivas para reconstruir a terra. Para se chegar a isso, existem os passos até Rute se *deitar* com Boaz. *O verbo (bWv) voltar acontece doze (12) vezes é o simbolismo das 12 tribos. A volta do tribalismo é a volta do Elimélek.*²⁸

Pelo resto da história, Noemi tentou tomar a vida nas mãos e fazer provisão para a velhice e a continuação de sua família. Aparentemente, conseguiu embora sua manipulação nem sempre transmitisse como ela planejou. Mas agora ela tem um rico genro e um sucessor. Inicialmente (Rt 1,21), quando Noemi denunciou ao Senhor as mulheres não tinham nada a dizer, mas no final elas cantam: *Bendito seja o Senhor que não deixou faltar um resgatador...* (Rt 4,14).

3.1. Datação, localização ou delimitação e autoria

É muito discutida a datação da composição do Livro de Rute. Têm sido propostos todos os períodos desde Davi e Salomão até Esdras e Neemias. O cenário da escrita do livro é da época dos Juízes (cerca de 1200 –1050 a.C.), pois o quadro com que é pintado *coisas como o lugar de reunião na porta da cidade, as palavras usadas para pesos e medidas, os nomes, as técnicas de colheita etc., tudo se encaixa em nossos dados.*²⁹ Em Rt 1,1a, aparece essa referência ao tempo dos Juízes e as palavras como *certa vez no tempo dos Juízes...* comprovam essa distância entre o autor e os acontecimentos. Em Rt 4,7 aparece o costume de tirar as sandálias como forma de convalidar um contrato, o que pode sugerir um velho costume caído em desuso. Mas, na verdade, a *data alternativa de redação proposta é a época pós-exílica, mais*

²⁶ Cf. N. K. GOTTMALD, *As tribos de Iahweh: uma sociologia da Religião de Israel* liberto 1250-1050 a.C. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 619.

²⁷ CF. M. LOPES, O livro de Rute, op. cit., pp. 99-100.

²⁸ Conforme anotações nas aulas de *Literatua Pós-exílica* do Professor Rafael Rodrigues da Silva, em abril de 2005 no Itesp.

²⁹ Cf. J. A. FISCHER, Rute, op. cit., p. 261.

⁵⁰ *Ibidem*. Tanto C. Mesters (Rute, op. cit., p. 13), quanto N. C. Pereira (Entre nós e tapeçarias: as relações das relações no romance do livro de Rute. In *Maria vai com as outras*: mulheres libertárias e libertadoras na Bíblia. São Leopoldo: CEB, 1997, p. 41), concordam que o Livro foi escrito por volta dos anos 445 a 450 a.C.

⁵¹ Cf. BÍBLIA TEB. São Paulo: Paulinas/Loyola, 1995, p. 839.

⁵² Cf. BÍBLIA PAS-TORAL. São Paulo: Paulus, 1995, p. 296.

⁵³ Cf. BÍBLIA TEB, op. cit., p. 839.

⁵⁴ Cf. N. C. PEREIRA, Entre nós e tapeçarias, op. cit., p. 41.

⁵⁵ Cf. C. MESTERS, *Rute*, op. cit., p. 13.

⁵⁶ Cf. A. BRENNER (Ed.), *Rute*: a partir de uma leitura de gênero. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 12.

*especificamente no século V a.C.*⁵⁰ Os argumentos de uma época tardia – posição do cânon hebraico, língua, costumes familiares, doutrina, - não são decisivos para a sua datação. O estilo do livro se aproxima da época clássica do AT. O estudo dos nomes próprios sugere uma data antiga, talvez da monarquia. Entretanto,

*... a teologia do livro (universalismo, concepção a retribuição e sentido do sofrimento) pode ser melhor entendida num clima pós-exílico. A época de Esdras e Neemias conviria muito mais ao relato, favorável à causa dos matrimônios com as estrangeiras, contra as reformas rigorosas de Esdras 9 e Neemias 13.*⁵¹

O argumento para a datação pós-exílica é aceito quando interpretamos o livro como um protesto contra as leis severas de Esdras e Neemias em relação ao matrimônio.

A descoberta do local de sua escrita aparece ao se observar a luta do povo pobre em busca de seus direitos e nota-se que o livro *foi escrito em Judá, depois do exílio na Babilônia, pela metade do século V a.C.*⁵² Na Bíblia hebraica, o livro localiza-se entre os *Ketubm* ou escritos. A Bíblia grega e latina inserem-no depois dos Juízes, certamente por causa da indicação cronológica que está no primeiro versículo.⁵³

Conforme Nancy Cardoso, o autor do livro é um grupo que não se identificava ou não se satisfazia com as propostas que se fundamentavam num conservadorismo estreito de manutenção da identidade pela via da exclusão.⁵⁴ Entretanto, há divergência. Carlos Mesters, por exemplo, afirma que *é uma história muito fina, inteligente, cheia de surpresas, do começo ao fim, contada por uma pessoa que sabia dar o seu recado.*⁵⁵ Athalya Brenner citando Goitein em sua obra *yyunim ba-miqra* escreve que *o livro foi escrito por uma mulher idosa e sábia, porque é dada mais ênfase a Noemi e a seus interesses do que à própria Rute.*⁵⁶ Ora se para Nancy era um grupo, para Mesters era uma pessoa, e para Goitein e Brenner foi uma mulher idosa e sábia, já podemos ver aí que não temos um autor definido para a obra. De qualquer forma a autoria é atribuída à oposição do sistema dominante, imposto em Israel por Esdras e Neemias.

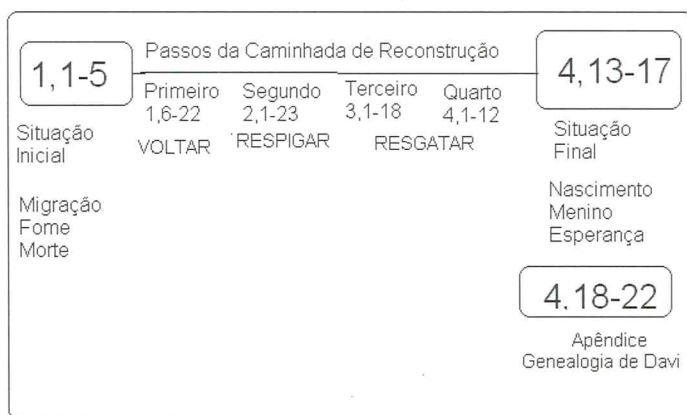
É uma novela edificante que tem como meta chegar ao menino Obed. Mesmo divergindo um do outro, qualquer estudo bíblico, qualquer que seja, só pode ter um único objetivo, a saber, fazer com que a Palavra de Deus possa atingir, para além das divergências dos estudiosos, o seu objetivo na

vida do povo que nela acredita e confia. Por exemplo, Dom Paulo Evaristo pondera que o objetivo principal deste livro é *transmitir esperança aos judeus exilados*³⁷ e mostrar como é recompensada a confiança que se põe em Deus, cuja misericórdia se estende até sobre uma estrangeira (Rt 2,12). Apesar de Deus não ter um papel falante, a narrativa está sempre consciente de sua presença (Rt 4,14). Por fim, sabemos que o alcance do livro de Rute é bastante alto. O fato, por exemplo, de Rute ter sido reconhecida como a bisavó de Davi e, inclusa em Mt 1,5 na genealogia de Jesus, deu a esta obra um valor particular. Obra que é longamente permeada pela fidelidade e solidariedade.

Até aqui, tomamos contato com a obra de Rute de maneira mais geral, inteirando-nos de seu contexto histórico. Agora partiremos para o estudo de sua estrutura geral.

3.2. Estrutura geral

Percebendo essa situação inicial,³⁸ vejamos como as quatro cenas da novela ficam distribuídas nos quatro passos, laçados por uma situação inicial, outra final e um apêndice:



Observando atentamente o quadro acima, podemos perceber que:

Logo na situação inicial, (Rt 1,1-5), deparamos com a realidade da migração acompanhada da dura realidade da fome e da morte.

No primeiro passo, (Rt 1,6-22), temos a perdedora viúva Noemi narrando a sua volta para *Bet-Lehem*, devido a uma outra fome em Moab e a notícia da visita de Javé a Belém. Se Javé visita, Ele traz Pão; Orpá não acompanha Noemi, mas Rute, sim, acompanha-a para Belém.

³⁷ Cf. P. E. ARNS – GORGULHO, G. – ANDERSON, A. F. (Eds), *Mulheres da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 48.

³⁸ Por ser um livro pequeno, não encontramos divergência entre os autores quanto a esta questão da estrutura. A forma como está ilustrada no quadro acima é proposta do Professor Rafael Rodrigues da Silva, mas a mesma idéia encontramos alhures. Cf. C. MESTERS, *Rute*, op. cit., p. 15.

No segundo passo, (Rt 2, 1-23) deparamos com a situação da colheita e do arranjo do casamento. Cena em que Rute vai respigar nos campos, conhece Boaz e os dois se apaixonam.

No terceiro passo, (Rt 3,1-18) temos o contrato de casamento. É uma cena em que Rute e Boaz passam uma noite na eira. Nesta cena entram as questões legais do casamento: ligadas às leis do levirato e do resgate.

No quarto e último passo, (Rt 4, 1-12), na luta pelo resgate, acontece a cena do Tribunal e do casamento.

Na situação final que também chamamos de ponto de chegada, (Rt 4,13-17), acontece o nascimento do filho Obed e conclusão da novela.

Com o apêndice, (Rt 4,18-22), temos a genealogia de Davi o que faz o livro ficar bastante famoso, conforme relatamos acima.

Visto esta estrutura geral, avançamos para o que chamamos de análise estrutural do livro e que pode também ser vista como delimitação temporal e também nos mostrará o objetivo principal da obra.

3.3. Análise estrutural do Livro

Na divisão ou estrutura do Livro, visualiza-se uma dura realidade já no cenário inicial, (Rt 1,1-5): a situação da *fome*, migração e morte. Em *Bet-Lehem* que é a *Casa do Pão* tem fome. Além da fome, tem-se a realidade da *morte* de Elimélek e de seus dois filhos, Mahlon e Kilion. Arelada à questão da morte aparece o tema da *posse da terra*. Vêm-se as *três viúvas* e sua realidade de desamparo total pela perda da herança, uma vez que os herdeiros da terra morreram. A herança passa pela linhagem masculina e sobraram só as viúvas. Em Moab, eles ficaram cerca de dez anos (Rt 1,4b). Todos os seus atributos são desesperadores para o contexto da época: *eram pessoas sem voz nem vez na sociedade daquele tempo, pois eram pobres, viúvas, estrangeiras e mulheres! O que as une é a pobreza, o desejo de ter pão, os laços de amizade, de parentesco e o desejo de estar lá, onde Deus faz visita ao povo.*⁵⁹

⁵⁹ Cf. C. MESTERS, *Como ler o Livro de Rute: pão, família, terra*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 29.

No livro tem-se às claras a questão social: o sonho voltado para o capítulo final: o projeto clânico com o simbolismo do uso do verbo voltar, conforme foi citado acima, que aparece doze (12) vezes. A fome que causa a saída da família para Moab é um dos grandes problemas sociais que sempre atingiu e atinge o cosmos, o universo. A atualidade que eles querem discutir é o problema da lei da pureza. Expulsão dos

estrangeiros, o fim dos casamentos de judeus com estrangeiras. Rute é uma moabita que volta com Noemi. E tem que enfrentar a lei da raça que é o grande empecilho para a conquista da terra.

O Livro de Rute surge dentro dessas contradições: de *limpar* o país de influências estrangeiras e garantir a posse da terra pela via legal, mas uma legalidade que não se preocupava com os pobres, mas favorecia os ricos que ficavam de olho nas terras dos próprios parentes para aumentar seu latifúndio. É o caso do parente próximo de Noemi que tinha o direito do resgate, mas não o quis fazer para não prejudicar os seus herdeiros (Rt 4,6). *O grupo que escreveu Rute não se identificava ou não se satisfazia com as propostas que se fundamentavam num conservadorismo estreito de manutenção da identidade pela via da exclusão.*⁴⁰ O livro vai falando de re-significação das relações humanas, no diálogo com as leis e tendo como critério, a defesa da vida.

Na afirmação social e religiosa que encontramos em (Rt 1,16) vê-se que a novela de Rute tece uma crítica à lei da raça que está presente no sangue; é ela que determina quem é da raça eleita, pura. A pertença de Rute à raça de Noemi é marcada pela solidariedade. A crítica quer dizer que a raça não deve passar somente pelo sangue, mas pela solidariedade. Sendo assim, pertence à raça pura quem é solidário. Este é um critério aberto, inclusivo, marcado pela prática da benevolência, da compaixão, do compromisso, do companheirismo, da amabilidade. Na solidariedade de Rute e Noemi existe a resistência contra a dominação masculina. Essa solidariedade abre novas perspectivas de futuro não somente para as duas viúvas, mas de toda a comunidade.⁴¹

A lei da raça promulgada por Esdras consiste na proibição dos casamentos de judeus com mulheres estrangeiras, porque segundo ele, punham em risco a *integridade e a pureza* da religião. Esdras mostrou-se duro e intransigente, exigindo a dissolução desses matrimônios, pois colocava a fidelidade às tradições religiosas acima de quaisquer outros valores. *Profundamente religioso* Esdras estava persuadido de que a salvação do povo permanecia condicionada à fidelidade a Deus e à sua Lei. No intuito de fundamentar a restauração da comunidade judaica em Jerusalém, o autor cita o edito de Ciro, rei da Pérsia, *libertador* dos judeus exilados na Babilônia, incentivando esse empreendimento.

Imagine os critérios para a instituição da lei da raça: que os judeus evitassem o contato com populações estrangeiras e jamais praticassem as mesmas abominações dos cananeus,

⁴⁰ Cf. N. C. PEREIRA, *Entre nós e tapeçarias*, op. cit., p. 41.

⁴¹ Idem, p. 42. Idéia também exposta em aula de *Literatura Pós-exílica*, pelo Professor Rafael Rodrigues da Silva.

dos heteus, dos fereseus, dos jebuseus, dos amonitas, dos moabitas, dos egípcios e dos amorreus (Cf. Esd 9, 1-2; Ml 2,10-12; Dt 7,1; Ne 9,2). Uma vez que pais e filhos que se casassem com mulheres desses estrangeiros tornariam a *raça santa* misturada com a população do país. Admoestando, Esdras afirma que *os notáveis e funcionários foram os primeiros a dar o mau exemplo* (Esd 9,2c). Por isto estavam proibidas tais uniões. Aqui já se vê o grupo social favorecido pela lei da raça que é a classe sacerdotal, levitas e escribas, bem como os judeus próximos ao poder e que se auto-beneficiam, em contraposição aos demais grupos supracitados, dentre eles os moabitas, comunidade originária de Rute que depois se judaizou (Rt 1,16-17) por puro amor e ternura à sua sogra e o seu clã.

Como Esdras obrigava que eles despedissem ou se separassem das mulheres e filhos de casamentos mistos com estrangeiras, isto é, não-judias, já dá para imaginar as gravíssimas conseqüências do fim desses casamentos. Pois, ficaram [mulheres e crianças] relegadas e subjugadas à escravidão e a todo tipo de atrocidade que se possa imaginar. Enquanto procedia-se a ruptura dos casamentos, Esdras todo abatido, começa a orar a seu Deus. (Esd 9,6s).

Enquanto Esdras orava e confessava, sempre chorando e de joelhos diante da casa de Deus, reuniu-se em torno dele grande número de israelitas. *Eram homens, mulheres e crianças, todos chorando.* Então Sequenias filho de Jaiel, da descendência de Elam, tomou a palavra e disse a Esdras:

Fomos infiéis a Deus, casando-nos com mulheres estrangeiras, da gente desta terra. Mas apesar disso, ainda resta esperança para Israel. Vamos comprometer-nos por aliança com nosso Deus para despedir as mulheres estrangeiras e os filhos que delas nasceram segundo o conselho do Mestre e dos que observam os mandamentos de nosso Deus. Faça-se tudo de acordo com a Lei. Levante-te, toma a iniciativa, nós estaremos contigo. Sê forte e age! (Esd 10,1-4).

Então Esdras se levantou e fez os notáveis, os sacerdotes, os levitas e todos os israelitas jurarem que assim procederiam e fizeram o juramento. Depois foi publicado em Judá e Jerusalém um decreto convocando todos os repatriados do exílio a reunir-se, em Jerusalém. Todo aquele que não comparecesse dentro de três dias, segundo o decreto dos chefes e dos anciãos, teria todos os bens confiscados e seria excluído

da assembléia dos repatriados. Todos os homens de Judá e de Benjamim reuniram-se em Jerusalém, dentro do prazo de três dias. Mais uma vez se pode ver que os acordos eram forçados pelos decretos.

Não tendo outra saída, todos então se comprometeram formalmente a despedir as mulheres e a oferecerem um carneiro em expiação da culpa. Todos esses que tinham se casado com mulheres não israelitas mandaram embora as mulheres *com os filhos*. Para garantir a “pureza” da comunidade registram-se os nomes comprometidos com casamentos mistos (Esd 2,36-39).

Essas descrições nos põem a par do pano de fundo no qual se desenvolveu a novela de Rute, que ao retornar para Belém foi respigar nos campos de Boaz (Rt 2, 2) em busca de alimento, de sobrevivência.

Entendemos também que por detrás da cena da colheita – em que Rute vai respigar no campo e é acolhida amorosamente por Boaz; ele falou-lhe ao coração (Rt, 2,13) – perpassa a discussão da lei antiga: a lei da colheita dos pobres, que é estudada na Obra Historiográfica Deuteronomica. Nessa lei, quem é pobre pode entrar no campo vizinho e comer até fartar. Só não pode levar para casa.⁴² A colheita dos pobres vai se tornar mais tarde a lei do restolho. Isto é, os pobres podem ir catar o que cai no chão (Lv 19,9-10). A lei fala que o que cai da colheita é direito dos pobres. Rute não tinha conhecimento dessa lei. Além disso, na época da novela, o que era direito dos pobres se transformou em esmola⁴³ uma vez que existiam os fiscais para autorizar aos pobres respigarem ou não. O direito dos pobres lhes era negado. Tais fiscais tinham a função de observarem para que não caísse coisa boa. Em Rute 2,15, Boaz autoriza que os empregados deixem cair espigas boas para que Rute colha e que não fosse repreendida. Essa hospitalidade e afeição ou predileção de Boaz para com Rute, faz com que ela não o queira perder de vista. Ele foi benévolo e, além do mais, é um parente próximo que tem o direito de resgate. Com relação ao direito dos pobres, mas que não era garantido, a novela quer criticar esse descumprimento da lei dos pobres. A grande questão está no respigar (catar o resto). O verbo respigar também aparece doze (12) vezes certamente que é como simbolismo do resgate do tribalismo igualitário.⁴⁴

A lei do resgate é o projeto de Noemi. Por detrás dessa lei está a questão da terra, que virá por meio de Rute ao “jogar o manto” [instrumento de compromisso matrimonial] sobre Boaz, o que lhe confere o direito de resgate. Após este

⁴² *Quando entrares na vinha do teu próximo, comerás uvas conforme ao teu desejo até te fartares, porém não as porás no teu vaso. Quando entrares na seara do teu próximo, com a tua mão arrancarás as espigas; porém não meterás a foíce na seara do teu próximo. Cf. Dt 23. 24-25.*

⁴³ Cf. N. C. PEREIRA, *Entre nós e tapeçarias*, op. cit., p. 42.

⁴⁴ Anotações em aula de *Literatura Pós-exílica*, do Professor Rafael Rodrigues da Silva.

resolver a questão legalmente com o outro parente (Rt 4,1-4) que recusa resgatar Noemi para não se comprometer com a sua família. Este queria resgatar inicialmente, mas depois que Boaz ... *percebendo que o rapaz queria o terreno sem se preocupar com Noemi, Boaz, com o seu senso de justiça, misturou as leis do resgate e do levirato ou do cunhado e embaralhou os costumes,*⁴⁵ o parente próximo de Elimelek recusa resgatar. Ele pretendia apenas explorar os parentes, isto é, a exemplo da maioria dos governantes dos nossos tempos, o parente próximo, estava apenas preocupado com os seus próprios interesses e com isso, *aumentar o seu latifúndio.*⁴⁶

⁴⁵ Cf. C. ALENCAR, *A terra de Rute*, op. cit., p. 59.

⁴⁶ Cf. C. MESTERS, *Como ler o Livro de Rute*, op. cit., p. 59.

O que Boaz pretendia era que o direito daquela pequena comunidade de mulheres a um terreninho fosse garantido. Para Boaz não contava apenas a *pequena família*, de pais e filhos, mas o clã, a comunidade. A lei do resgate era usada nessa época simplesmente para dar cobertura legal ao roubo, não era sensível aos problemas das pessoas. Neemias 5,11-12 tinha obrigado os ricos corruptos a devolver aos pobres a terra, mas ele não tocou na lei. A lei continuava a existir, favorecendo a corrupção. *A lei do resgate criada para garantir aos pobres a posse da sua terra, era usada por ele [o outro parente] para aumentar o seu latifúndio e para empobrecer ainda mais os pobres.*⁴⁷ Interessante notar que o parente próximo não é chamado pelo nome, mas de *fulano de tal* (Rt 4,1). Seu nome não importa, representa qualquer um. Ou é tão mesquinho que sequer deve ser registrado na história.

⁴⁷ Ibidem.

Em suma, ele e muitos outros eram fiéis à letra da lei, mas eram infiéis ao espírito da lei. Ainda bem que Boaz, uma vez consciente de sua missão, não poderia ficar em paz enquanto não resolvesse o problema (Rt 3,18). A novela de Rute está em paralelo com a novela de Tamar. Com a morte de Her e Onã, Judá nega-se a cumprir a lei do levirato (Dt 25,5). Esta lei obrigava o irmão do falecido a casar-se com a cunhada para em seu nome suscitar prole. Com isso Judá pôs em perigo a sobrevivência de sua própria tribo. Mas Tamar consegue, por meio de embuste, do próprio Judá um par de Gêmeos, Farés e Zara. Farés foi o antepassado de Davi (Rt 4,18s) e do Messias (Mt 1,3-6). Também a inserção de Gn 38 na história de José se justifica, pois a história salvífica está de ora em diante centrada nas tribos de Judá e José (Efraim e Manassés). Embora estrangeira como Rute, Tamar foi incorporada ao povo de Israel e, através de seu filho Farés, tornou-se antepassada do rei Davi.⁴⁸ Boaz vem da genealogia de Tamar.

⁴⁸ Confira também (Rt 4,12. 18-22). Ela também fará parte da genealogia de Jesus (Cf. Mt 1,3).